

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 110

Data: 12/02/73

Pg.: _____

18 12/2/73

Funai não consegue impedir que estranhos penetrem e percorram terras indígenas

Brasília (Sucursal) — Embora tenha por lei o poder de polícia nos territórios indígenas que administra, a Funai não consegue controlar o ingresso de estranhos nessas terras, como ficou provado agora, quando interditiou toda a área dos kreen-akarores e expulsou dois jornalistas, enquanto outros conseguiram furar o bloqueio e fotografaram os índios gigantes.

Em Brasília, funcionários da Funai observam também que há uma certa irresponsabilidade do órgão quanto autoriza jornalistas, especialmente estrangeiros, a penetrarem nas terras dos índios. Lembram o caso do cinegrafista Paul Lambert que, em novembro, provocou um incidente numa tribo Waimiri-Atroari, e do antropólogo René Fuerst, que percorreu terras indígenas em 1970 e 1972 logo após ter publicado na Alemanha o livro **Bibliografia Crítica para o Genocídio no Brasil, de 1957 a 1969.**

Irresponsabilidade

Em novembro último, o cinegrafista francês Paul Lambert obteve uma autorização da Funai para filmar os índios waimiris e atroaris — os mesmos que em 1968 trucidaram a missão do padre Calleri e 12 de seus integrantes e que, no mês passado, mataram a flechadas três funcionários da Funai no Posto do Alalaú, em Roraima.

A Funai autorizou o trabalho de Paul Lambert por considerá-lo "um amigo do Brasil". Ele esteve anteriormente no Brasil, no tempo do Serviço de Proteção aos Índios, cuja fama e memória são deploradas hoje por todos os sertanistas, por causa das irregularidades praticadas pelo órgão. Até mesmo um de seus ex-diretores, o médico sanitário Noel Nutels, que faleceu neste fim de semana, nunca mediu palavras para criticar a atuação do extinto SPI.

A despeito disso e do precário tratamento dado na época ao problema indígena no país, Paul Lambert escreveu um livro, mostrando na capa um corpulento índio e um céu azul, intitulado *Amazonie Fraternelle*, que segundo opinião de muitos antropólogos não serve como referência para estudos, sendo apenas um trabalho romancado de escassa profundidade.

Quando Paul Lambert solicitou em fins do ano passado autorização para percorrer terras indígenas da área da 1a. Delegacia (se-

diada em Manaus e abrangendo toda Amazônia legal), a Funai não criou qualquer obstáculo e logo concedeu a licença. Em novembro, ele conseguiu chegar até um dos postos de atração Waimiri-Atroari, localizado na região conhecida por Camanaú.

Ainda na semana passada, ao conceder entrevista sobre massacre de três funcionários da Funai pelos waimiris-atroaris, o presidente do órgão, General Bandeira de Melo, salientou que aquela área "é uma das mais sensíveis" em que atuam os sertanistas brasileiros.

No Camanaú, Paul Lambert teve um pequeno incidente com os índios, que acharam estranho seu equipamento de filmagem. Com a ajuda do tuxaua (capitão) Maruaga, dos waimiris e atroaris, o sertanista Gilberto Pinto, que comanda a expedição de pacificação, conseguiu explicar aos silvícolas que não se tratava de nenhum instrumento bélico, mas apenas de uma máquina semelhante a de fotografar, que eles já conheciam.

Na realidade, o incidente foi mais grave, pois um índio chegou a danificar a aparelhagem com uma faca. Enquanto o ciima na tribo ficava tenso, o cinegrafista se retirou a conselho do sertanista Gilberto Pinto. A Funai desmente esta versão, para que o incidente não assumira maior proporção na imprensa estrangeira.

Imagem preocupa mais

A preocupação com os ataques contra a política indígenista, publicados no exterior, é hoje tão ou mais importante para a Funai do que a execução dessa política.

Decorre daí, segundo observadores indigenistas, a facilidade com que o órgão permite a entrada em terras indígenas de estrangeiros sem maior qualificação, "apenas para evitar que uma restrição qualquer seja má interpretada no exterior."

Essas fontes exemplificam a posição da Funai também com o caso do antropólogo René Fuerst que, depois de publicar em 1970

um livro sobre genocídio de índios no Brasil, integrou a missão da Cruz Vermelha que veio examinar a situação sanitária dos silvícolas brasileiros.

O diretor do Instituto Antropos do Brasil, padre e antropólogo Vicente César, que chefiou a missão, chegou a advertir em carta ao então presidente da Funai, Sr. Queirós Campos, quanto à permissão concedida a René Fuerst, que embora seja um profissional de reconhecida autoridade na Europa, seus pontos-de-vista sobre a situação do problema indígena no Brasil desaconselhavam sua presença na expedição.